

## O género de texto e os tipos de discurso: conhecimentos de linguística textual e do interacionismo sociodiscursivo para o estudo do texto literário

Carla Teixeira

**Abstract:** This paper aims to analyze an episode of a literary text within the knowledge of text linguistics and sociodiscursive interactionism (SDI). Manuel Teixeira-Gomes' "Gente Singular" is read from the text linguistics and SDI's notion of text genre and analyzed through SDI's types of discourse. The analysis shows different sets of textual configurations: some configurations provide thematic appraisals of the environment, the characters or an organization of events based on diegesis and another type of configurations takes events back *in loco*.

### 1. Introdução

O texto literário é um objeto de estudo partilhado pela literatura e pela linguística, ainda que a partir de abordagens teóricas e metodológicas diferenciadas. A diversidade das abordagens manifesta-se, inclusive, no interior da linguística, onde nas diferentes áreas científicas se evidenciam a diversidade de aspetos linguísticos a observar e que caracterizam o valor do texto literário. Tal é possível verificar mencionando, meramente a título de exemplo, trabalhos do grupo de investigação Gramática & Texto, com Gonçalves & Teixeira (2009), trabalho de teoria do texto e que se inscreve nos princípios do interacionismo sociodiscursivo (ISD), e Oliveira (2012) que apresenta uma investigação no âmbito semântica enunciativa.

Nesse sentido, é objetivo deste texto convocar noções relevantes da linguística do texto e do interacionismo sociodiscursivo para o estudo do texto literário, nomeadamente, as noções de género textual e dos tipos de discurso, considerando que poderão clarificar e potenciar o estudo do texto literário. Para tal, analisa-se um episódio de "Gente Singular", de Manuel Teixeira-Gomes (Portimão, 1860-Bougie, 1941), narrativa que dá nome a uma coletânea de textos do autor.

### 2. Fundamentação teórica

As noções de género de texto e dos tipos de discurso são basilares para a linguística do texto e para o ISD (Bronckart 2003, 2008), decorrentes dos princípios teórico-epistemológicos do estudo da linguagem e da análise descendente do texto. Isto significa que a organização social é estruturadora da escolha do género e da constituição do próprio texto. Deste modo, sendo possível discernir vários planos de observação do texto, enquanto unidade empírica, esta tem início no seu contexto social, na apropriação que é feita do género e, por fim, no texto *per se*. Na análise do texto, consideram-se igualmente vários planos de estudo, da macroestrutura à microestrutura, contudo, o que é de destacar é que os diferentes níveis de análise se constituem no domínio teórico-metodológico e que, configuracionalmente, há uma articulação orgânica entre os vários tipos de unidades linguísticas para compor uma mensagem textual. Como se verá, a este propósito, tratar-se-á dos tipos de discurso.

#### 2.1. Género textual

É comum usar a expressão *género* em literatura e em linguística como referindo-se a uma unidade do âmbito linguístico-textual, cujo formato é social e culturalmente sujeito a variação em

função do tempo e do espaço (Bronckart, 2003: 137-138). Sendo esta uma definição sociointeracionista de género textual, é aplicável também à literatura. Por exemplo, na lírica trovadoresca galaico-portuguesa, constituíram-se um conjunto de géneros, as cantigas de amigo, as cantigas de amor e as cantigas de escárnio e maldizer que, enquanto poemas (musicados, daí que sejam chamados de *cantigas*), descrevem um conjunto de temáticas estabilizadas, encenadas por um “eu” que personifica certas características; por exemplo, as cantigas de amigo podem encenar as saudades do namorado (o *amigo*) ausente por via de uma voz feminina, enquanto as cantigas de amor cantam, numa voz masculina, um ideal feminino inacessível. Quando, em função de mudanças sociopolíticas, a fundação do Reino de Portugal, se dá o fim da unidade cultural entre este e a Galiza, a lírica trovadoresca também chega ao fim.

No caso de “Gente Singular”, este é um texto que ocorre numa coletânea, dando nome ao conjunto da publicação pertencente ao modo narrativo. Deste modo, os textos de *Gente Singular* poderão ser descritos como narrativas curtas. Ora a designação *narrativa* não corresponde a nenhum género textual, pois esta pode ser atribuída a um conto, a uma novela ou a romance. Por sua vez, estas designações estão dependentes de categorias como o espaço, o tempo, a ação e as personagens. Sem intenção de problematizar se as narrativas de *Gente Singular* são conto ou novela, diga-se que, de um ponto de vista linguístico, conto, novela ou romance são efetivamente reconhecidos enquanto géneros textuais, porque estas designações estão socialmente atestadas e/ou são identificadas na prática literária, o que decorre do facto de as categorias apontadas conferirem uma certa estabilidade na identificação destes textos literários.

O que é problemático é quando a outras expressões como *fantástico* e *maravilhoso* lhes são também atribuídas o aposto de *género*. Se, de modo sintético, fantástico e maravilhoso dependem da racionalização (ou não), respetivamente, dos fenómenos por parte do leitor (Todorov, 1975: 30-31), e sendo possível a coexistência de expressões *conto fantástico*, este tipo de situação parece ter um certo paralelismo com o que em linguística textual se diferencia ser um *anúncio de brinquedos* de um *anúncio de refrigerantes*. Ou seja, quando se trata de um anúncio de brinquedos considera-se que as atividades sociais envolvidas na produção de texto são a publicidade e o setor dos brinquedos, visto que influenciam quaisquer escolhas que se materializem nesse texto, o que é particularmente observável no que diz respeito ao desenvolvimento do conteúdo temático, decorrente do produto e das ações recriadas, além da presença da voz do enunciador. Da mesma maneira, *fantástico* e *maravilhoso* deverão ser considerados opções no tratamento do conteúdo narrativo de ordem temática possibilitados pela natureza criativa da atividade literária.

## 2.2. Tipos de discurso

Enquanto instrumento de análise textual, os tipos de discursos pertencem à componente da infraestrutura geral dos textos integrada na arquitetura interna dos textos (além dos mecanismos de textualização e dos mecanismos de responsabilização enunciativa). Nos textos, correspondem aos segmentos que apresentam regularidades linguísticas descritas e identificadas de acordo com os eixos da temporalidade e da atorialidade. Se as marcas linguísticas, como os pronomes e as formas verbais, atestam uma temporalidade em conjugação com o momento presente, a ordem do expor, poderemos estar perante os tipos de discurso interativo ou teórico; se as referidas marcas demonstram uma disjunção relativamente ao momento presente, a ordem do narrar, os tipos de discurso a considerar são o relato interativo e a narração. Atendendo ao eixo da atorialidade, quando os segmentos apresentam uma implicação do sujeito no texto, observar-se-á ou o discurso interativo ou o relato interativo; porém, se se verifica uma autonomia enunciativa

do sujeito relativamente ao texto, verificar-se-á o discurso teórico ou a narração (Bronckart, 2003: 155-216; Bronckart, 2008: 62-76).

### 3. Análise do texto literário

Para verificar o interesse da aplicação da noção de género textual relacionada com o desenvolvimento temático e a análise textual proporcionada pelos tipos de discurso, enquanto instrumento de análise do texto literário, far-se-á a análise do episódio de “Gente Singular” referente à chegada de Pedro Carneiro, o narrador, à casa de Monsenhor Simas, em Faro, já tarde da noite, que a seguir se transcreve:

*Acomodados que fomos em volta da mesa fez-se um silêncio sepulcral. A fraca luz da lâmpada não deixava distinguir o conteúdo das várias travessas preparadas para a ceia, mas à minha beira luzia, um prato de vidro, um montão de enormes e apetitosíssimos figos lampos e o mesmo sucedia à beira de outros comensais.*

*De repente uma das irmãs do cônego perguntou-me em voz trémula:*

— *Gosta de figos lampos?*

— *Sim, minha senhora, muitíssimo.*

— *Por causa deles o fizemos esperar — ajuntou outra.*

— *Nós é que os fomos apanhar ao quintal com as nossas lanternas — observou a terceira.*

*E cada uma por seu turno:*

— *Apanhados de noite são mais frescos.*

— *E mais gostosos.*

— *Os figos lampos!*

— *Os figos lampos!*

— *Os figos lampos!*

*Cada uma delas repetiu soluçando:*

— *Os figos... lampos... — e depois, à uma, em desatado choro:*

— *O que a nossa mãezinha gostava deles!....*

*Aqui interveio Monsenhor, lacrimoso, também:*

— *A nossa boa mãezinha... já... lá... está... já morreu!*

— *Não morreu... não morreu... — protestaram elas com ruidoso pranto.*

— *Morreu e já... não... come... figos... lampos...*

— *Ai! não diga isso, mano, não diga isso...!*

— *Nós já vamos ver... se morreu...*

— *Vamos lá...*

— *Vamos lá...*

(...)

*Monsenhor Simas ofereceu-me o hissope com que piedosamente aspergi água benta sobre a morta, e logo ajoelhámos para rezar. Mas ainda não começávamos o primeiro padre-nosso quando veio levantar-se um dos panos de veludo que ocultava uma porta, e apareceram três fantásticas figuras de ursos com trombas de elefantes que saltavam, aos pulos, pela casa fora e chegando-se à morta, com desusados urros e agudíssimos guinchos, como que procuravam despertá-la.*

(Teixeira-Gomes 1988: 75; 77)

Como referido, este episódio apresenta o narrador nos primeiros momentos em que é acolhido em casa de Monsenhor Simas que vive com as suas três irmãs. Logo no início do diálogo, as irmãs do Monsenhor Simas justificam o facto de o terem feito esperar por terem ido apanhar figos. Antes disso, naquela casa, o ambiente («silêncio sepulcral», «fraca luz») e o estado das próprias personagens («voz trémula») indiciam *estranhas* circunstâncias que se vem a saber ser o falecimento da mãe de Monsenhor Simas e de suas irmãs há poucas horas (« — A nossa boa mãezinha... já... lá... está... já morreu!»), estando o velório a decorrer. Por isso, cristãmente o narrador oferece-se para participar na cerimónia. Contudo, o velório ganha uma dimensão carnavalesca inaudita quando uma aceitável recusa, por parte das irmãs, em acreditar na morte da mãe (« — Não morreu... não morreu... — protestaram elas com ruidoso pranto.») passa a in-creditável rejeição da realidade ao assustarem os presentes no velório na vã tentativa de provocarem um susto à mãe («com desusados urros e agudíssimos guinchos, como que procuravam despertá-la.»), numa tentativa de a despertarem.

Para efeitos de análise, considera-se a existência de várias configurações textuais que não correspondem necessariamente a *partes de texto*, num sentido linear, mas a conjuntos de blocos textuais que apresentam determinadas características. Por motivos de espaço, a anotação destas marcas circunscreve-se às marcas de sujeito (atorialidade) e às formas verbais (temporalidade) que compõem os tipos de discurso.

Numa configuração textual, verifica-se o desdobramento da figura do narrador em dois: o narrador expressa-se através de um “nós” que integra os seus anfitriões ou de um “eu” que é o relator dos acontecimentos, designado em termos literários de autodiegético. Quanto à ancoragem da temporalidade, os acontecimentos pertencem ao passado e são descritos no pretérito imperfeito do indicativo (ex.: «não deixava», «sucedia») e no pretérito perfeito do indicativo (ex.: «perguntou-me», «observou»). As coordenadas gerais desta configuração textual apontam para um discurso misto de relato interativo-narração (no sentido dos tipos do discurso), típico da disjunção do momento da enunciação da ordem do narrar, e genericamente correspondente a momentos de narração (tal como é designado na literatura).

A segunda configuração remete para o “eu” enquanto personagem em coocorrência com outras personagens, numa estrutura dialogal, na qual o lexema «figos lampos» é repetido sem progressão da ação, contribuindo para o insólito da ação. Nesta configuração, os tempos verbais mais relevantes são o presente do indicativo (ex.: «são», «diga») e o pretérito imperfeito do indicativo (ex.: «gostava»), o que remete o leitor para o discurso interativo que encena uma interação, característico da ordem do expor, na qual o sujeito se compromete enunciativamente com o momento do presente.

Uma última configuração representa o discurso misto relato interativo-narração, numa estrutura narrativa monologada. Nesta configuração que corresponde ao último parágrafo, dá-se uma retroação apreciativa da ação narrativa face à diegese, principalmente patente nos verbos que organizam os turnos de fala («Aqui interveio Monsenhor», «protestaram elas com ruidoso pranto») e a sequência da ação narrativa («Monsenhor ofereceu-me o hissope», «aspergi água ben-

ta», «ajoelhámos para rezar», «começávamos o primeiro padre-nosso», «um dos panos que ocultava uma porta», «apareceram três fantásticas figuras de ursos (...) que saltavam», «procuravam despertá-la»).

De um modo geral, comprova-se o uso das coordenadas da ordem do expor e da ordem do narrar por meio dos eixos da atorialidade e da temporalidade com intencionalidades distintas: neste episódio, a ordem do expor está presente em configurações dialogais, nos quais o narrador intervém como personagem de momentos que são recriados no presente do indicativo, e a ordem do narrar em momentos em que este assume definitivamente o papel de narrador a partir de uma experiência passada.

Essa vivência está relacionada com o modo de organizar os acontecimentos: as configurações de blocos de segmentos da ordem do narrar proporcionam apreciações temáticas do ambiente, das personagens ou uma organização dos acontecimentos em função da diegese, enquanto que o uso feito da ordem do expor se refere à retoma *in loco* dos acontecimentos, podendo coocorrer outro tipo de discursos da ordem do narrar, mostrando que o diálogo convoca mais do a apresentação *ipsis verbis* das personagens.

#### 4. Notas finais

Este trabalho pretendeu exemplificar possibilidades de aplicação de conhecimentos da linguística textual e do ISD ao estudo do texto literário.

A noção de género textual procurou evidenciar a necessidade de uma maior estabilidade terminológica da literatura que se julgou situar ao nível do tratamento temático, do ponto de vista da linguística textual.

Os tipos de discurso evidenciaram o seguinte tipo de configurações discursivas ao nível de ocorrências dos tipos de discurso:

- discurso interativo: estruturas dialogais;
- relato interativo: estrutura monologada, em que o narrador se assume como autodie- gético;
- narração: estrutura monologada, em conjugação com o relato interativo.

#### Referências

Bronckart, J.-P. (2003). *Atividade, Textos e Discursos. Por um Interacionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.

Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue. In *Texto!* Janeiro, vol. XIII (1). Available in: <<http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>>. Acesso em 20 jun. 2013.

Gonçalves, M. & Teixeira, C. (2009). Entre unidades verbais e não verbais: a construção do conteúdo temático e a literatura como actividade de linguagem. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 3. Edições Colibri/CLUNL, pp. 227-239. Consultado em 07.07.2019: <http://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/3m-matilde-goncalves.pdf>

Oliveira, T. (2012). O papel dos sujeitos na construção da narrativa literária. *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, APL, pp. 524-539. Consultado em 07.07.2019: [https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/29\\_Oliveira.pdf](https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/29_Oliveira.pdf)

Teixeira-Gomes, M. (1988). *Gente Singular*. Col. Obras Completas de Manuel Teixeira-Gomes. Venda Nova: Bertrand Editora.

Todorov, T. (1975). *Introdução à Literatura Fantástica*. s.l.: Editora Perspectiva; tradução de Maria Clara Correa Castello.